

Parsons  
Resumo

## NOÇÕES INTRODUTÓRIAS DE SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA PARA O ENSINO MÉDIO: NOTAS SOBRE OS DESAFIOS POSTOS POR TALCOTT PARSONS

Maria José de Rezende<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo tem a finalidade de introduzir os estudantes do ensino médio nas discussões produzidas pelos embates de um pensador social que viveu nos EUA na segunda metade do século XX. É fundamental que os alunos tenham a possibilidade de entrar em contato com algumas reflexões - mesmo que ainda bastante preliminares - desenvolvidas na sociologia após a Segunda Guerra Mundial. As reflexões desse cientista social permanecem como desafios dotados de grande atualidade porque proporcionam uma compreensão mais precisa acerca tanto dos embates desenvolvidos pelas ciências sociais quanto das respostas que Talcott Parsons procurava dar aos problemas existentes no momento vivido por ele. Estudar este autor é a porta de entrada para diversos outros cientistas da segunda metade do século XX, pois desde a década de 1960, uma parte expressiva de sociólogos luta contra o domínio da proposta de análise parsoniana. Pode-se dizer que se formaram dois grandes blocos na sociologia contemporânea: o que estava com Parsons e o que estava contra ele.

**Palavras-Chave:** sociedade, sistema, função, etnometodologia, reflexividade, interação, empatia.

**Abstract:** This study aims to introduce high school students in the discussions produced by a social thinker who lived in the U.S. in the second half of the twentieth century. It is essential that students have the opportunity to get in touch with some thoughts - even if still very preliminary - developed in sociology after World War II. The reflections by this social scientist remain as great challenges today because they provide a more precise understanding about both the struggles undertaken by the social sciences as the answers that Talcott Parsons tried to give to the problems posed by him. Studying this author is the gateway to several other scientists in the second half of the twentieth century, because since the 1960s, a significant part of sociologists will stand against the dominance of the proposed parsonian analysis. You could say that two large blocks were formed in contemporary sociology: the one that was with Parsons and the one that was against him.

**Key-words:** society, system, function, ethnomethodology, reflexivity, interaction, empathy.

<sup>1</sup> Professora de Sociologia da UEL. Membro do LENPES e do GAES (Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia). E-mail: mjderezende@gmail.com

## Introdução

O LENPES (Laboratório de ensino, pesquisa e extensão em Sociologia da UEL) tem buscado propiciar uma ligação cada vez mais forte entre os professores do ensino superior e os do ensino médio. Para alcançar este objetivo têm sido desenvolvidas muitas atividades, tais como: palestras, conferências, cursos, produção de materiais, assessoria, debates, contatos cada vez mais estreitos com as escolas, professores e alunos da rede pública de ensino. Encontrar formas de melhorias na relação entre o ensino e o aprendizado tem sido uma tarefa que os membros do LENPES e das escolas envolvidas têm abraçado no cotidiano de suas atividades que visam tanto ampliar o interesse dos alunos universitários pelas escolas e pelos alunos do ensino médio quanto tornar mais estreitos os laços entre os professores dos diversos níveis de ensino.

Este texto é parte das atividades desenvolvidas com os professores do ensino médio. É uma tentativa de auxiliá-los na busca de caminhos para adentrar no ensino de sociologia contemporânea, já que os estudantes, em muitos momentos, indagam sobre os pensadores sociais que escreveram ao longo do século XX. Há alguns materiais que discutem os pensadores clássicos de modo acessível para os estudantes que estão iniciando nas ciências sociais, todavia, constata-se uma carência significativa de textos que sistematizem alguns pontos e algumas noções, ainda que introdutórias, de sociologia contemporânea. Esse artigo inscreve-se dentro dessa preocupação de apontar, num amplo mapa teórico desenvolvido no século XX, alguns pontos que possam propiciar ao estudante a visualização de alguns caminhos percorridos por essa ciência<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Recentemente foi publicado, nesta revista, um artigo sobre a contribuição da sociologia norte-americana para entender a complexidade da vida urbana. Este material também visa subsidiar a disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Ver: (REZENDE, 2010).

É comum considerar que a era contemporânea inicia-se no período entre as duas grandes guerras mundiais. Todavia, parte-se do pressuposto de que o conhecimento é cumulativo e que não é possível compreender a teoria social e a sociologia que se desenvolve a partir desse período sem levar em conta os debates sociológicos havidos anteriormente. Portanto, é necessário, em alguns momentos, fazer referência às raízes das análises empreendidas a partir da década de 1940.

Todos os expoentes da teoria social contemporânea estavam construindo suas reflexões em diálogo com os escritos de August Comte, de Herbert Spencer, de Émile Durkheim, de Georg Simmel, de Max Weber, de Wilhelm Dilthey<sup>3</sup> e de Gabriel Tarde<sup>4</sup>. Pode-se dizer, então, que as propostas de análise da vida social, desenvolvidas por estes pensadores clássicos, estiveram presentes de modo bastante polêmico no interior das obras que compõem a sociologia contemporânea. E por que possuíam tais discussões um caráter polêmico? Porque se tentava avançar nas formas de explicação, de compreensão e de análise dos desafios que vinham à tona a partir das décadas de 1920 e 1930.

Um dos feitos mais importantes daquilo que se convencionou chamar sociologia contemporânea foi realizado por um grupo bastante diversificado de pensadores conhecidos como pertencentes à Escola de Sociologia de Chicago<sup>5</sup>. Seus escritos ressoaram, por décadas, em várias partes do mundo. Eles impulsionaram uma enorme quantidade de reflexões que se inspiraram no método empírico de trabalho defendido pelos investigadores pertencentes

<sup>3</sup> Sobre as contribuições de W. Dilthey para a sociologia contemporânea, ver: (REIS, 2003).

<sup>4</sup> Sobre as contribuições de G. Tarde para a sociologia contemporânea, ver: (VARGAS, 2000; 2007; THEMIDIO, 2002).

<sup>5</sup> Entre os principais pensadores da Escola de Sociologia de Chicago estavam: Robert Park, Louis Wirth, Everett Hughes, Charles Johnson, Franklin Frazier, Bertram Doyle, William Brown, Frederic Thrasher, Clifford Shaw, Frederic Zorbaugh, Henry McKay, Leonard Cottrell, Edwin Sutherland, entre outros. Entre as diversas obras desses pensadores estavam: (PARK, 1979; DOYLE, 1937; JOHNSON, 1922; BROWN, 1930; LENDESCO, 1979; SHAW, 1966; THRASHER, 1966; WIRTH, 1979). Sobre a produção desenvolvida por esse grupo, ver: (BECKER, 1966; BECKER, 1990; COULON, 1995; EUFRASIO, 1999; FINE, 1995; JOSEPH, 2005; VALADARES, 2005).

a esse grupo de autores norte-americanos. No entanto, surgiram também, em vista do amplo feixe de temáticas e discussões, algumas críticas à falta de uma orientação teórica una que emoldurasse todos os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores reunidos sob a denominação de Escola de Sociologia de Chicago entre, aproximadamente, 1915 e 1940.

Parte-se, nesse texto, do pressuposto de que a maior oposição à chamada Escola de Sociologia de Chicago veio de um cientista social que teve um peso expressivo dentro da sociologia contemporânea a partir da década de 1940: Talcott Parsons (1902-1979). Observe-se que, na década de 1960, houve um movimento, nos EUA, do qual participaram Erving Goffman (1922-1982) e Harold Garfinkel<sup>6</sup>, de retorno às influências deixadas pelos proponentes dos estudos, desenvolvidos nas décadas de 1920 e 1930 em Chicago, que objetivavam mapear valores e atitudes pormenorizadas dos grupos sociais pesquisados. Todas as suas discussões estavam, então, posicionadas entre as discussões dessa última Escola mencionada e os escritos de Parsons. Tentavam eles lançar pontos de aproximação com os estudos microssociológicos<sup>7</sup> e pontos de distanciamento da sociologia de Parsons<sup>8</sup>. O diálogo com este último era intenso e acalorado não somente dentro da sociologia norte-americana, mas também da mundial. Nos EUA, Wright Mills (1980) e Pitirín Sorokin (1969) estiveram voltados para a construção de críticas contundentes às ideias de Parsons e seus seguidores.

Os escritos de Pierre Bourdieu (1930-2002), de Anthony Giddens<sup>9</sup> e de Norbert Elias (1897-1990) estiveram também quase

<sup>6</sup> Harold Garfinkel nasceu em 1917.

<sup>7</sup> Sobre Erving Goffman e a microssociologia, ver: (JOSEPH, 2000).

<sup>8</sup> Sobre isto, ver: (Giddens, 1998; Coulon, 1995a).

<sup>9</sup> Anthony Giddens nasceu no final da década de 1930. Vive na Inglaterra e é professor na London School. Ele afirmou o seguinte: "Quando comecei, a sociologia estava completamente dominada pela sociologia norte-americana, por autores como Parsons e Merton. O funcionalismo era muito influente na sociologia internacional, e nós passamos grande parte de nosso tempo criticando esse tipo de orientação e buscando uma abordagem diferente" (GIDDENS, 1995, p.291).

sempre desafiados pela sociologia parsoniana<sup>10</sup>. Todavia, não se pode imaginar que todos os desafios e desacordos derivavam dos escritos de Parsons. No caso de Norbert Elias, ele rechaçava não somente a forma de conhecimento proposta por aquele último<sup>11</sup>. Ele recusava também toda e qualquer análise que se refugiava inteiramente no presente. Para ele, eram inúteis as explicações da vida social que não indagassem sociologicamente o passado para entender os fenômenos do presente. Todavia, no âmbito deste artigo não é possível apresentar todos esses embates havidos no interior da sociologia contemporânea.

### **Talcott Parsons e seu papel na sociologia contemporânea: uma iniciação ao seu pensamento**

Talcott Parsons, sociólogo americano de grande relevância para a sociologia contemporânea, polemizou com a Escola de Sociologia de Chicago em seus escritos a partir da década de 1940. Mázio EufRASIO ressalta:

"nas duas ou três décadas do século XX, a maioria das grandes cidades americanas se compunha de uma população em mais da metade formada por imigrantes estrangeiros e seus descendentes nascidos nos Estados Unidos, constituindo boa parte da classe trabalhadora na indústria e outros ramos da economia. (...) A natureza e a intensidade dos problemas sociais vividos por esses grupos de imigrantes inspiraram muitas das primeiras pesquisas sociais empíricas americanas" (EUFRASIO, 2008, p.1).

Note-se que diversos cientistas sociais nas quatro primeiras décadas do século XX, nos EUA, empenhavam-se em realizar pesquisas de campo detalhadas para conhecer pormenorizadamente as atitudes, as condutas e os valores dos diversos grupos que compunham os moradores das grandes cidades americanas. Havia uma intenção de desenvolver um "conhecimento prático direto"

<sup>10</sup> Sobre os embates dentro da Sociologia contemporânea, ver: (CORCUFF, 2001).

<sup>11</sup> A crítica de Norbert Elias às formulações de Talcott Parsons está em: (ELIAS, 2006).

(COULON, 1995, p.81) capaz de auxiliar na solução dos problemas sociais que assolavam o espaço urbano na primeira metade do século passado.

O ponto de partida impulsionador das pesquisas empíricas - (levantamento exaustivo de dados sobre a vida das pessoas que viviam, por exemplo, em um determinado bairro e/ou região, mapeamento detalhado dos conflitos, dos confrontos, das formas de violência, de discriminação, de preconceitos, etc.) - realizadas pelo grupo que se convencionou chamar de Escola de Sociologia de Chicago, foi a ambição de entender a conduta dos indivíduos diante dos obstáculos, dos conflitos, dos enfrentamentos, dos preconceitos e discriminações que enfrentavam nos seus cotidianos. As pesquisas eram minuciosas porque objetivavam capturar o modo como os agentes viam e viviam as suas próprias experiências.

Howard Becker, considerado um membro da segunda geração da Escola de Sociologia de Chicago, afirma que William Thomas (1863-1947), cujo trabalho foi de grande relevância para a sociologia norte-americana em geral e, em particular, para as pesquisas sociológicas que eram desenvolvidas em Chicago, criou métodos e técnicas de pesquisas que estiveram na base daquilo que foi feito posteriormente nas investigações sobre migrantes, relações étnicas e criminalidade. Ao utilizarem-se documentos pessoais (cartas, relatos, diários, testemunhos, depoimentos) fazia-se algo "muito revolucionário porque até então a maioria das pesquisas era feita em bibliotecas" (BECKER, 1990, p.117).

Todavia, não se pode imaginar que os cientistas que formavam o grupo denominado "Escola de Chicago", faziam somente trabalhos qualitativos. Eles aprimoraram sim, e muito, este tipo de pesquisa, mas também estiveram preocupados com métodos estatísticos. Porém, o que era combatido eram as pesquisas que, conforme afirmava Albion Small<sup>12</sup> (1854-1926), "se entregassem

<sup>12</sup> Albion Small foi um dos fundadores da sociologia norte-americana. Ele insistia com seus alunos sobre a necessidade deles fazerem "pesquisa de campo ativas e observações diretas" (COULON, 1995, p.15).

[somente] a reflexões teóricas 'de poltrona'" (COULON, 1995, p.15).

Na década de 1930, exacerbaram-se, entre os cientistas sociais norte-americanos, os desacordos

"sobre os métodos de pesquisa utilizados. [Houve] um enfrentamento entre dois tipos de sociologia, um quantitativo e positivista, caracterizado pelo nascente funcionalismo<sup>13</sup>, e o outro qualitativo e humanista, representado pela sociologia de campo praticada em Chicago" (COULON, 1995, p.25).

Pode-se dizer, então, que surgia, não só nas universidades, mas também nos periódicos científicos e na Associação Americana de Sociologia, um embate político acerca do modo de fazer ciência. Talcott Parsons entra nesta disputa de modo definitivo e com todas as armas (debates, textos, alianças políticas em defesa de um tipo de sociologia, etc.) em punho. Seu objetivo era defender uma forma de pesquisa que estivesse emoldurada por um amplo arcabouço teórico-conceitual. Ele vai entrar neste debate advogando a necessidade de construir, na sociologia norte-americana, um expressivo aprofundamento teórico. Para ele, havia necessidade de criar um corpo de teorias que precedessem qualquer pesquisa de campo. Seus trabalhos adquirem, então, um grau de abstração enorme e, até mesmo, descabido. Howard Becker faz a seguinte afirmação:

<sup>13</sup> O funcionalismo é um conjunto de perspectivas e de olhares lançados sobre a vida social. Existem muitos funcionalismos (GIDDENS, 2001). Há algo que está na base de todos eles que é sua ligação umbilical com os avanços da biologia desde o século XIX. O desenvolvimento da noção de função biológica ajudou a pavimentar o caminho por onde cresceram vários galhos do funcionalismo. Entre suas várias vertentes está aquela que procura destacar que todo elemento cultural possui uma função. No funcionalismo cultural "são os impulsos vitais os criadores das culturas, formando um todo que se integra técnica e economicamente para benefício da satisfação biológica de cada indivíduo" (MOREIRA, 1977, p.145). Há, então, dois grandes grupos designados como funcionalistas. O que vai da cultura para o indivíduo e aquele que parte da estrutura (a qual é formada pelo conjunto de relações que sustentam a sociedade) para entender as interações sociais.

E no que consiste esta última para ele? “Consiste em estruturas e processos através dos quais os seres humanos formam intenções significativas e, com maior ou menor êxito, as executam em situações concretas” (PARSONS, 1969, p.16).

Esse modo dele definir ação já fornece os elementos incontestes de que ele não obteve sucesso e nem teve persistência em sua tentativa de incorporar o voluntarismo às suas reflexões, ou seja, a ideia de que os atores possuem capacidade de escolher, de decidir por sua própria vontade. Há alguns escritos (Rocher, 1976) que insistem que Parsons, no decorrer do desenvolvimento de seu pensamento, teria caminhado rumo a uma teoria voluntarista da ação. Isso tem sido questionado por alguns cientistas sociais contemporâneos como Anthony Giddens (1998), para quem a obra de Parsons evoluiu não para o voluntarismo, mas sim para um expressivo determinismo.

As ações eram, para Parsons, formadas em razão de determinadas relações que estruturavam a sociedade. Se as intenções e as motivações são formadas através de estruturas e processos que sustentam a vida social, não é possível, então, supor que haja qualquer vontade própria, de fato, relevante no modo de agir e de proceder. Por isso parte-se do pressuposto de que as discussões de Parsons são, acima de tudo, deterministas e não voluntaristas. Se havia, de fato, de sua parte, a intenção de remover as barreiras entre estrutura social e agência humana (dotação da capacidade de agir não somente em razão daquilo que o coletivo exige, mas também de escolhas próprias calcadas nas singularidades e nas subjetividades próprias), pode-se dizer que ele fracassou. “O sistema social constitui, assim, [em Parsons] as orientações dos agentes e os padrões normativos relativos a seus papéis” (QUINTANEIRO & OLIVEIRA, 2002, p.98).

É visível que, em Parsons, os atores, como afirma Giddens, têm os seus comportamentos, personalidade, atitudes, ações, intenções, motivos, etc., determinados pelo sistema social. Interessa,

neste debate, vasculhar, no interior da obra de Parsons, qual é, de fato, a capacidade de ação reservada ao indivíduo? Não muita, porquanto fica patente que ele considerava “o voluntarismo equivalente à internalização dos valores na personalidade” (GIDDENS, 1998, p.285).

Parsons rebateria essa afirmação de Giddens com as considerações feitas por ele no livro *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparadas* (1969). Há nele o seguinte esclarecimento: “Como o sistema social é constituído pela interação de indivíduos humanos, cada membro é ator (que tem objetivos, ideias, atitudes, etc.) e objeto de orientação, tanto para si mesmo como para outros atores” (PARSONS, 1969, p.20).

Mas ao dizer, nesta mesma obra, que “o sistema de interação é um aspecto analítico que pode ser abstraído dos processos totais de ação de seus participantes” (PARSONS, 1969, p.20), fica evidenciado que o voluntarismo de Parsons era extremamente frágil, o que podia ser detectado no modo como ele lidava com o ator. Havia toda uma construção que buscava atestar a persistência da vontade, mesmo sob a vigência de um sistema social que a tudo domina e define; todavia, o ator parecia ser, em Parsons, mais um “viciado cultural do que um agente do conhecimento, ao menos, em parte, dono de sua própria sorte e destino” (GIDDENS, 1998, p.285).

E por que seria o indivíduo um viciado cultural? Porque os indivíduos como coletividades tomam decisões em vista do que determina o sistema social vigente. Ele não concebe a sociedade como “uma prática eficiente dos atores” (GIDDENS, 1998, p.285), mas sim como um “tipo especial de sistema social” (PARSONS, 1969, p.16). Ele complementa: “Tratamos o sistema social como um dos principais subsistemas do sistema de ação humana; os outros são o organismo comportamental, a personalidade do indivíduo e o sistema cultural!” (PARSONS, 1969, p.16).

Tânia Quintaneiro e Márcia Gardênia Monteiro de Oliveira, em *Labirintos simétricos* (2002), afirmam que a ordem social, em

Parsons, torna-se mais e mais relevante do que a ação individual. Segundo elas, há até mesmo, uma subestimação do papel da autonomia e da racionalidade individuais no interior de sua obra (QUINTANEIRO & OLIVEIRA, 2002). Enquanto Giddens (1998) afirma que o problema central estava na impossibilidade teórica de Parsons romper com o determinismo que alinhavava toda sua obra, essas duas últimas autoras citadas consideram que o quadro teórico construído pelo sociólogo norte-americano assentava-se num incômodo insolúvel que pode ser sintetizado da seguinte maneira: por um lado, havia a tentativa de Parsons de dar um papel relevante ao ator e, por outro, essa relevância subsumia numa ordem que tornava possível o próprio sistema social.

"Parsons adota cada vez mais uma postura estrutural-coletivista, alicerçada no princípio da anterioridade e superioridade ontológicas da sociedade, a qual seria capaz de constituir o indivíduo que, por sua vez, consideraria legítimos os padrões normativos que ela lhe fornece e que orientam e limitam sua ação" (QUINTANEIRO & OLIVEIRA, 2002, p.187).

Norbert Elias faz uma reflexão bastante esclarecedora sobre os caminhos seguidos por Parsons. No seu entender, todo problema das formulações deste último estava no fato dele supor que as ações formavam "uma espécie de átomo das sociedades humanas" (ELIAS, 2006, p.156). A questão era: Como provar isso através da pesquisa sociológica? Afirmações extremamente genéricas como essas se tornam difíceis de comprovar, portanto, ela traz consigo mais dúvidas que esclarecimentos. A pergunta era, dizia Elias:

"Por que pôr as 'ações' no centro de uma teoria da sociedade, e não as pessoas que agem? As sociedades são redes de seres humanos, não um emaranhado de ações incorpóreas. (...) E mesmo esse modelo de sociedade como um 'sistema social', uma máquina habitualmente bem azeitada, cujas partes estão, todas, harmoniosamente acopladas umas às outras, encontra-se demasiado afastado da aspereza da vida social dos homens, como se pode efetivamente observar" (ELIAS, 2006, p.156-7).

## Referências

- ALMOND, Gabriel. Sistemas políticos comparados. In *Sociologia política II*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- EISENSTADT, Shamuel. *Modernização: protesto e mudança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.
- BECKER, Howard S. Introdução In SHAW, C.R. *The Jack-Roller: A delinquent boy's own story*. Chicago, University of Chicago Press, 1966. P.6
- BECKER, Howard S. Entrevista. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.3, n.5, p.114-136, 1990.
- BROWN, William. *Race prejudice: a sociological study*. Chicago, University of Chicago, 1930
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, Papirus, 1995.
- COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis, Vozes, 1995a
- CORCUFF, Philippe. *As novas sociologias*. Bauru(SP), Edusc, 2001.
- DOYLE, Bertram. *The etiquette of race relations in the south: a study in social control*. Chicago, University of Chicago, 1937.
- ELIAS, Norbert. Processos de formação de Estados e construção de nações. *Escritos e Ensaios*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p.153-165.
- EUFRASIO, Mário. Resenha: *El campesino Polaco em Europa y em América*. *Cadernos Cern*, São Paulo, v.19, n.2, p.1-3, dez.2008.
- EUFRASIO, Mário. *Estrutura urbana e ecologia humana: a escola de Chicago: 1915-1940*. São Paulo, Editora 34, 1999.
- FINE, Gary A. (Ed.). *A second Chicago School? The development of a postwar American sociology*. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1995.
- GIDDENS, Anthony. Garfinkel, etnometodologia e hermenêutica In *Política, Sociologia e Teoria Social*. São Paulo, Unesp, 1998. P. 283-296.
- GIDDENS, Anthony. Funcionalismo: après la lutte. In *Em defesa da sociologia*. São Paulo, Unesp, 2001.
- GIDDENS, Anthony. Entrevista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.291-305, 1995.

- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.
- JOSEPH, Isaac. *Erving Goffman e a microsociologia*. Rio de Janeiro, FGV, 2000.
- JOSEPH, Isaac. A escola de Chicago. In Valadares, L. do P. (org.). *A escola de Chicago*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte, IUPERJ/UCAM, UFMG, 2005.
- JOHNSON, Charles. *The negro in Chicago: a study of race relations and a race riot in 1919*. Chicago, University of Chicago Press, 1922.
- LACKEY, Pat. *Invitation to Talcott Parsons's theory*. Houston, Cap and Gown Press, 1987.
- LENDESCO, John. *Organized crime in Chicago*. Chicago, University of Chicago Press, 1979.
- MILLS, Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- MOORE Jr, Barrington. *Poder político e teoria social*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- MERTON, Robert. Algumas funções da máquina política. In *Sociologia política II*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- MERTON, Robert. *A ambivalência sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- MOREIRA, Aldemar. Funcionalismo. In *Dicionário de Sociologia*. Porto Alegre, Globo, 1979. P. 145.
- PAIXÃO, Luiz A. *A teoria geral da ação e a arte da controvérsia*. RBCS, São Paulo, n.11, out.1989. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_11/rbcs11\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_11/rbcs11_03.htm) Acessado em: 09/06/10.
- PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In Velho, O. G (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. P. 26-67
- PARSONS, Talcott. *The structure of social action*. Nova York, McGraw-Hill, 1937.
- PARSONS, Talcott. *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparadas*. São Paulo, Pioneira, 1969.
- PARSONS, Talcott. *The system of modern societies*. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1971.
- PARSONS, Talcott. A formação de um sistema social. *Humanidades*, Brasília, n.6, p.28-62, v.2, jan. mar.1984.
- QUINTANEIRO, Tânia e OLIVEIRA, Márcia Gardênia M. de. *Labirintos simétricos: introdução à teoria sociológica de Talcott Parsons*. Belo Horizonte, UFMG, 2002.
- REIS, José Carlos. *Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais*. Londrina, Eduel, 2003.
- REZENDE, Maria José de. Algumas contribuições da Sociologia Norte-Americana para pensar os desafios da vida urbana: subsídios para a disciplina de Sociologia no ensino médio. *Boletim: Revista da área de Humanas*. Londrina, n.59, p.11-44, ju-dez.2010.
- ROCHER, Guy. *Talcott Parsons e a Sociologia americana*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- SHAW, Clifford. *The Jack-Roller: A delinquent boy's own story*. Chicago, University of Chicago Press, 1966.
- SOROKIN, Pitirin. *Novas teorias sociológicas*. Porto Alegre, Globo, 1969.
- SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.
- THRASHER, Frederic. *The gang. A study of 1313 gangs in Chicago*. Chicago, University of Chicago Press, 1966.
- VALADARES, Licia. do P. (org.). *A escola de Chicago*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte, IUPERJ/UCAM, UFMG, 2005.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In Velho, O. G (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p.90-113